

# “Por São Paulo”: debate sobre motivações e separatismo em 1932

Daniel Mata Roque <sup>a</sup>

Fernando Porto <sup>b</sup>

**Resumo:** o presente artigo tem o objetivo de analisar o discurso separatista sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 por meio dos depoimentos de veteranos apresentados no documentário *Por São Paulo* (2018). Mediante uma abordagem micro-histórica, exploramos a ferramenta da história oral para debater a memória existente e persistente sobre as supostas motivações dos revolucionários paulistas de desmembrar o estado da federação brasileira.

**Palavras-chave:** Revolução Constitucionalista de 1932; Micro-história; Separatismo.

## INTRODUÇÃO

A Revolução Constitucionalista de 1932, guerra civil que mobilizou mais de 100 mil pessoas e teve mais baixas fatais do que a Força Expedicionária Brasileira (FEB) lutando na Itália durante a Segunda Guerra Mundial, possuía o objetivo oficial de reconstitucionalizar o Brasil. Extraoficialmente, grupos varia-

dos lutavam com intenções variadas. Separar São Paulo do restante do país era uma delas?

Para tanto, nos propusemos responder a esta pergunta mediante a análise das entrevistas concedidas por cinco veteranos do conflito e apresentadas, em formato audiovisual, no documentário *Por São Paulo*<sup>1</sup>, produzido pela Pátria Filmes<sup>2</sup>, em 2018, e dirigido por Daniel Mata

---

<sup>a</sup> Cineasta e historiador, doutor em Enfermagem e Biociências. Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

<sup>b</sup> Professor, enfermeiro e historiador, pós-doutor em Enfermagem.



Roque.

Utilizamos para isso o pensamento de Carlo Ginzburg, quando encontramos eco na análise da micro-história, a ciência do vivido<sup>3</sup>, que nos possibilita ajustar o “foco historiográfico”<sup>4</sup> e tentar reconstituir uma determinada experiência ocorrida, que deixou fontes documentais como matéria-prima, transmutando o estudo de caso bem delimitado em análise de questões mais gerais, uma espécie de método indutivo historiográfico. Ainda segundo Ginzburg, a pesquisa micro-histórica é a “mais adequada e mais acessível também a métodos artesanais de exploração”<sup>5</sup>, que é o que pretendemos nesta pesquisa.

A análise do micro, no posicionamento individual de cada entrevistado, ocorre, no entanto, sem perder de vista o macro do movimento revolucionário e dos grupos políticos envolvidos, efetuando o referido “jogo de escalas”. Logo, seguindo a linha de pensamento de Giovanni Levi<sup>6</sup> ao observar que o diálogo entre os

contextos busca articular o particular com o coletivo sociocultural.

Vemos no já clássico estudo de Ginzburg a trajetória particular de um moleiro do interior da Itália processado pelo Santo Ofício no final do século XVI tornar-se, em um estudo profundo. Assim sendo, torna-se uma ferramenta ampla que nos permite perscrutar a cultura campesina da Itália durante o Renascimento, sua estrutura política e padrões de administração pública, os processos de difusão e troca de conhecimento, a dinâmica social de terra e trabalho, os sistemas de crença e tradição oral, os livros apreciados e, principalmente, a forte atuação da Igreja Católica, com o movimento da contrarreforma enfrentando a revolução luterana e as discussões teológicas ocorrendo dentro e fora do clero.

Nas palavras de Ginzburg, trata-se de “uma investigação que, no início, girava em torno de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo aparentemente fora do



comum, [que] acabou desembocando numa hipótese geral"<sup>7</sup>. Assim, chegamos, não a um modelo generalizante, mas a um resultado passível de comparação e a um discurso embasado.

Para a linguista Simone Tos-tes<sup>8</sup>, a investigação da fala de depoentes é a oportunidade de acessar a mente dos indivíduos, por meio de suas representações, onde conseguimos perceber na espontaneidade do registro traços de pensamentos e emoções às vezes encobertos nos registros escritos, já que também acompanhados de entonação, gestual, olhares e sorrisos. Com essas possibilidades em mente, observamos o registro audiovisual dos cinco veteranos da Revolução de 1932.

Mediante ao exposto, temos por objetivo analisar o discurso separatista sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 por meio dos depoimentos de veteranos apresentados no documentário *Por São Paulo* (2018).

## VETERANOS ENTREVISTADOS

Pode-se dizer que os veteranos entrevistados foram escolhidos de certa forma ao acaso: com uma lista enxuta de homens e mulheres ainda vivos oitenta e seis anos após a guerra (1932-2018), fornecida pela MMDC - Sociedade Veteranos de 1932<sup>9</sup>, ligamos para os nomes disponíveis e agendamos a gravação com todos aqueles que se mostraram lúcidos, disponíveis e dispostos<sup>10</sup>.

O resultado foi localizar cinco veteranos passíveis de serem entrevistados: um único veterano dos combates nas trincheiras, Antônio Andrade Guimarães, então com 103 anos de idade, que combateu na divisa São Paulo - Minas Gerais; duas veteranas que atuaram em serviços auxiliares da retaguarda: Maria de Lourdes Picarelli (que trabalhou na Casa do Soldado preparando refeições para os combatentes na frente e na retaguarda) e Zuleika Sucupira Kenworthy (que auxiliou a Cruz Vermelha Brasileira a preparar conjuntos de primeiros



socorros a serem enviados para a frente de batalha), a primeira com 103 e a segunda com 104 anos de idade; e dois veteranos, ambos com 95 anos de idade, que eram ainda meninos de dez anos durante o conflito, integrantes de um grupo de escoteiros mobilizado para serviços de estafeta no auxílio logístico da retaguarda, atuando na entrega de correspondências, envio de telegramas e mesmo difundindo notícias e recados orais.

Cada veterano foi entrevistado individualmente, em datas diferentes ao longo do ano de 2018, e em diferentes cidades: na ordem que foram listados acima, o primeiro residia em Vera Cruz, a segunda em Socorro, a terceira em Sorocaba e os dois últimos em São Carlos - os únicos que foram entrevistados no mesmo dia, mas em horários e locais diferentes. Todas as cidades mencionadas ficam no estado de São Paulo e todos os entrevistados eram paulistas.

## **“A REVOLUÇÃO QUERIA SEPARAR SÃO PAULO DO RESTANTE DO BRASIL?”**

À pergunta que inicia esta seção todos os veteranos entrevistados responderam enfática e negativamente, utilizando expressões como “nunca”, “não”, “eu não acredito”, “claro que não” e “ninguém falou em separar”.

Instados, então, sobre quais motivações os teriam levado ao voluntariado para a guerra civil, na frente de combate ou nos serviços da retaguarda, os cinco veteranos apresentam respostas que combinam um “efeito manada”, forte influência dos comícios e discursos, uma força coletiva que impeliu e animou todo o grupo - especialmente no caso dos dois escoteiros e de uma das mulheres, que responde exatamente que “todo mundo ia, aí eu fui também ajudar” -, e um ideal de luta por liberdade e democracia, mais concretamente de luta contra a ditadura de Getúlio Vargas.



Nessa luta antiditatorial, no entanto, transparece muito a ênfase regionalista, em que a entidade "São Paulo"<sup>11</sup> surge como sinônimo dos apregoados conceitos de liberdade e democracia, em que uma suposta "ofensa" sofrida pelo estado de São Paulo por parte do novo governo federal seria o mesmo que afrontar o povo brasileiro - mas, antes, paulista. A perda de privilégios políticos e econômicos por parte da elite paulista com a Revolução de 1930, como aponta o depoimento da historiadora Vavy Pacheco Borges na sequência do mesmo documentário, é transformada em perda de cidadania e de direitos no discurso de cada veterano. A luta não foi só pelos interesses locais de São Paulo, eles respondem de maneira consciente, mas ao mesmo tempo, nas entrelinhas do discurso, é o nome São Paulo que encarna o ideal pela qual se luta, paradoxalmente.

Nos discursos dos cinco veteranos não podemos perceber, de fato, qualquer intenção de

emancipar o estado de São Paulo da República Brasileira e torná-lo um estado soberano ou qualquer ação semelhante. Por um lado, percebemos que o estado de São Paulo e os paulistas passaram a encarnar a representação do ideal que se deseja para o país e o governo federal: não é transformar São Paulo em outro país, mas o país - de novo - sob a liderança do pensamento sócio-político-econômico de São Paulo.

Por outro lado, todos os historiadores e pesquisadores da temática entrevistados pelo documentário concordam que havia separatistas de fato engajados na Revolução de 1932 - "mas não na tropa", pondera um; "era coisa de alguns poucos intelectuais e políticos", defende outro. Discordam sobre os percentuais e a relevância que esse grupo teria.

O coronel Mário Ventura, da Polícia Militar do Estado de São Paulo - principal instituição oficial dedicada ao culto da memória da Revolução Constitucionalista de 1932 e de seus veteranos - e então presidente da MMDC - So-



cidade de Veteranos de 1932, alega que o percentual de verdadeiros separatistas era mínimo, não chegando a um por cento.

Já para os historiadores Vavy Pacheco Borges, do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas; coronel Andrade Netto, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil; e Derek Destito Vertino, do Museu Municipal da Estância de Socorro-SP, todos pesquisadores especializados na temática, o número de separatistas, ainda que bastante pequeno, pode ser considerado um pouco mais expressivo, coincidindo em avaliá-lo abaixo de dez por cento.

Por fim, também é entrevistado no documentário o presidente do movimento separatista paulista contemporâneo São Paulo Livre, Flavio Rebello, que defende uma distinção entre aqueles manifestantes ou combatentes efetivamente separatistas e aqueles que chama de supremacistas<sup>12</sup>, que, conforme exemplificamos alguns parágrafos antes, desejavam ver o estado de São

Paulo integrado ao Brasil, mas assumindo uma posição de liderança - de supremacia -, controlando inteiramente os destinos nacionais.

Para Rebello, que faz a análise evidentemente mais favorável ao ideal separatista e defende que este era um ponto importante da Revolução de 1932, esse grupo ainda assim era minoritário e representaria cerca de trinta por cento dos revolucionários, alocando outros trinta por cento no grupo dos supremacistas.

Acreditamos que tais percentuais inflados carecem de base documental ou corroboração de fontes, influenciados por um ideal. Esse ideal, no entanto, não pode ser desprezado, pois evidencia a sobrevivência de um sentimento - às vezes dito nativista ou bandeirante - bastante relevante na construção da identidade paulista desde Amador Bueno, conforme aponta-se também no documentário, que é resíduo do ideal separatista.

Na tentativa de explicar a persistência da ideia de que a



Revolução de 1932 era separatista, principalmente na historiografia externa a São Paulo, os veteranos apontam que essa ideia foi criada pelo governo ditatorial contra o qual lutavam e disseminada pelo país para justificar a mobilização federal para a guerra, a sustentação do regime e a convocação de reservistas e voluntários das outras regiões nacionais para a luta. Seria, em suma, uma mentira para gerar a motivação ideal do governo federal, que dizia que a luta não era contra si, mas contra o Brasil.

No mesmo sentido, os cinco veteranos apontam que esperava-se a adesão de outros estados na luta contra a democracia - “uma causa justa, que valia a pena”, diz um veterano -, mas que, no final, “São Paulo teve que lutar sozinho”, em uma visão de que os outros estados inicialmente engajados - principalmente Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso - teriam traído São Paulo e seus ideais, fazendo acordos com o governo federal para ter lucros individuais.

De novo aparece esta entidade, “São Paulo”, quase tão martirizado quanto seu patrono apóstolo, um estado que foi traído na luta justa e teve que enfrentar sozinho o opressor, com heroísmo. O argumento é também embasador da resistência à ideia separatista: se a luta previa a adesão de diversos estados brasileiros, não poderia ser para emancipar São Paulo como um país. Ao contrário, era pelo Brasil e contra o governo federal autoritário. Nesta visão, todos queriam a reconstitucionalização. Resume uma veterana: “queriam derrubar o Getúlio Vargas, mas São Paulo ficou sozinho e o Getúlio ficou lá”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ter cumprido o objetivo de analisar o discurso separatista sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 por meio dos depoimentos de veteranos apresentados no documentário *Por São Paulo* (2018).



Na análise foi possível observar que existia, de fato, o ideal separatista em alguns grupos políticos envolvidos com a Revolução Constitucionalista de 1932, mas que se tratava de um percentual numericamente pouco expressivo, embora impossível de calcular com exatidão. Esse grupo tinha, no entanto, alguma expressão pública e intelectual.

Dentre os voluntários combatentes e auxiliares, no entanto, esse pensamento parece não ter se disseminado, sendo enfaticamente negado pelos cinco veteranos entrevistados, que demonstraram orgulho de terem servido nas fileiras paulistas durante a revolução. Isto apontou para a ideia de luta contra uma ditadura e pela dignidade de seu estado, que viam como humilhado e preterido em seus interesses dentro da federação brasileira, apesar da posição de liderança - principalmente econômica - que desempenhava e que achavam que devia voltar a se refletir no plano político.

Em essência, lutar “por São Paulo” apareceu nesses casos como sinônimo de lutar por liberdade e democracia, por respeito, por valorização política, por prestígio e reconhecimento - e, como diz uma das veteranas entrevistadas, “por que não dizer? Pelo Brasil”.

## BIBLIOGRAFIA

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEVI, Giovanni Levi. *Herança imaterial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

POR São Paulo. Direção: Daniel Mata Roque. Produção: Pátria Filmes. Rio de Janeiro, 2018. 30 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cbkn74pvd2U&t=1s>. Acesso em 21 jul. 2024.



TOSTES, Simone. O imaginário e o real na fala dos pracinhas. *Revista do Exército Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 154, p. 39-49, 1<sup>o</sup> quadr. 2018.

## NOTAS

<sup>1</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=c\\_bkn74pvd2U&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=c_bkn74pvd2U&t=1s). Acesso em 21 jul 2024.

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.patriaofilmes.com>. Acesso em 21 jul 2024.

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>4</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 178.

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> LEVI, Giovanni Levi. *Herança material*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 97

<sup>7</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 10.

<sup>8</sup> TOSTES, Simone. O imaginário e o real na fala dos pracinhas. *Revista do Exército Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 154, p. 39-49, 1<sup>o</sup> quadr. 2018.

<sup>9</sup> A sigla MMDC, originada durante a guerra, faz referência a Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, quatro manifestantes mortos durante o comício de 23 de maio de 1932, considerados mártires do movimento revolucionário.

<sup>10</sup> Registramos nosso agradecimento ao coronel Mário Ventura, então presidente da Sociedade Veteranos de 1932, pela valiosa colaboração e pelo fornecimento da lista.

<sup>11</sup> Do reiterado uso da mesma expressão originou-se o nome dado ao documentário: Por São Paulo.

<sup>12</sup> Para Rebello, um exemplo de liderança da ideia supremacista foi o escritor Monteiro Lobato.